

## APRESENTAÇÃO

### ESTUDOS DE CULTURAS CONTEMPORÂNEAS E I(N)DENTIDADES: INTERFACES BRASILEIRAS E SUL-AMERICANAS

“Não sou alheio a nada. [...] O que escrevo resulta de meus armazenamentos ancestrais e de meus envolvimento com a vida. Sou filho e neto de bugres andarejos e portugueses melancólicos. [...]

Essa mistura jogada depois na grande cidade deu borá:  
um mel sujo e amargo.

Mas o que eu gostaria de dizer é que o chão do Pantanal, o meu chão, fui encontrar também em Nova York, em Paris, na Itália, etc.”

**Manoel de Barros, Gramática Expositiva do Chão.**

Um Dossiê sobre Estudos de Culturas Contemporâneas e as reflexões que se unem no entorno das I( n) dentidades brasileiras e sul-americanas termina por trazer à tona ponderações sobre a linguagem em sentido amplo: na literatura, no cinema, na psicanálise, nas artes, nas mídias digitais, na cultura popular, na educação, enfim, na vida contemporânea do hemisfério sul. Princípios este texto, recomendando as palavras de Manoel de Barros, poeta maior das gentes, das coisas e do chão de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, fazendo alusão aos dois elementos que se constitui como o grande desafio de quem se lança a essa empreitada: partir de sua aldeia, do peculiar, do singular, revelando-o e desvelando-o em toda a sua fortuna, peculiaridades e nuances; mas, por outro lado, o necessário empenho de reconectar o singular aos movimentos mais gerais presentes em outras dimensões, nacional e internacional, da vida social. Elementos, esses, definidores que perpassam todos os textos e esforços teórico-metodológicos presentes nos trabalhos que compõem esse exemplar e que por sua vez possui como epicentro a apreensão/revisão de conceitos bases para pensar/problematizar as noções de cultura contemporânea e as de constituição de i ( n) dentidades culturais, tendo como interface a Literatura, os Estudos Culturais a Semiótica (das diversas vertentes) o Decolonialismos (entre outros).

A proposta editorial do periódico é audaciosa, e cremos que cumpre seu intento: abrigar confluências e conexões disciplinares com o objetivo de compreender a produção, a circulação e a recepção dos sentidos/signos culturais e/ou semiotização cultural da Literatura e da Cultura e as I(n)dentidades brasileiras e sul-americanas, tentando a problematização dos conceitos nos mais variados aspectos e abordagens, assim como demonstrar a variedade das pesquisas na área. Desta forma, a voz do grande poeta transforma-se na nossa voz que, por sua vez, simboliza a voz do mundo retalhado das pesquisas aqui apresentadas, ou seja a poesia continua da beleza do mundo contemplado, analisado, pesquisado : “somos os nossos armazenamentos”, provisórios metamorfosicos.

É claro que quando abordamos a linguagem, trabalhamos com a variedade de códigos utilizados, com pluralidade dos níveis e com enredamento de sua organi-

zação semântica. Ler artigos de uma Revista é estar sujeito a deslocamentos, tais como os provocados pelas obras de arte, deslocamentos por bitolas e suportes que trazem para o leitor a evidência da inquietação criativa e da vontade experimental. A leitura de um Dossiê tão rico suscita, como as palavras poéticas de Barros, imagens. Imagens construídas pelo viés do olhar do leitor e pela materialidade da leitura. Imagens processuais de leituras fenomenológicas, elaboradas para se desfazerem no instante seguinte ao ato de ler e tornarem-se a refazer mais adiante, num processo infinito, num percurso *ad continuum* que pode ser representado pela figura da *lemniscata*<sup>1</sup>, pois esta simboliza o infinito. Logo, o fluxo do olhar do pesquisador que está em constante mobilidade, num constante reajustar-se, é aqui comparado ao processo de criação da leitura. Criadores de imagens de maneira geral tratam de um desembaraço do imaginário. Um processo de criação que envolve entre outros elementos um estar à distância, num processo de extraposição, um estranhar que se apresenta através do jogo de signos que precisa ser manuseado pelo leitor/espectador, provando que para para a ciência, assim como para a arte, não há limites.

E assim nos colocamos na fronteira entre os textos, resultados de pesquisas de colaboradores plurais de centros de pesquisas também plurais e os leitores que serão presenteados com esses textos: o artigo **O texto literário como constructo de um espaço transcultural e transnacional**, da pesquisadora Lucilene Machado Garcia, que enfatiza a necessidade de abarcar os conceitos de transculturalidade e transnacionalidade para compreender a narratividade da existência humana, bem como vislumbrar novas perspectivas interpretativas através de investigação das obras *Mulas*, de Luiz Taques e *Sempreviva* de Antonio Callado. O texto **A literatura como monumento: o cotidiano da fronteira na obra de Pedro de Medeiros**, de Wandir de Mello Júnior, apresenta a análise da obra do poeta e cronista corumbaense Pedro Paulo de Medeiros, enquanto lugar de memória, haja vista a sua literatura encerrar o peso e o significado cultural que caracterizavam a cidade de Corumbá/MS no começo do século XX. A contribuição da leitura decolonial de Mirian Ribeiro de Oliveira, Glaucos Luis Flores Monteiro, Teresinha Rodrigues Prada Soares, Iona Gonçalves Santos Silva e MarluCIA Mendes da Rocha, respectivamente com os textos **Semiose negra decolonial em Carolina Maria de Jesus; Reflexões acerca da relevância e necessidade da decolonialidade no ensino de música em uma universidade fronteiriça contemporânea;** e **Transmodernidade e socialização do poder: resistência cultural dos povos originários em face do neopentecostalismo no brasil**, dá visibilidade a uma reflexão que coloca em primeiro plano a força da criatividade e dos saberes subalternos e aprofundam perspectivas teóricas acerca da transmodernidade (DUSSEL, 2009) da decolonialidade/ socialização de poder (QUIJANO, 1999), fazendo urgir a criação de um diálogo intercultural decolonial. Essa urgência também pode ser presenciada no texto **A identidade interrogada – processos de interpelação e de (des)racialização na performance parda**, de Júnia Cristina Pereira, que reforça a *gnose liminar* e com-

1 Lembrando que: Lemniscato em português, ou Leminiscata em latim, é o nome do símbolo do infinito, o conhecido “oito deitado”, ou um “laço simples”. Esta palavra tem origem do latim e significa “Laços Simétricos”. Cassini é o sobrenome do astrônomo francês Jacques Cassini (1677-1756), que elaborou a fórmula que resulta no símbolo infinito. Que tem o conceito de infinito.

prova que a produção do conhecimento também se dá a partir das margens (tanto internas quanto externas do sistema mundial). Junia reflete sobre o processo de criação artística da performance *Parada* e discute a interpelação racial que coloca em jogo os significados da mestiçagem, levando em conta o histórico brasileiro da violência colonial e do embranquecimento como política pública, que busca desestabilizar as estruturas racistas que regem as normas de reconhecimento, rejeitando a imobilização de construções identitárias. O artigo **Milton Hatoum e a ficção brasileira contemporânea**, de Dayane de Oliveira Gonçalves e Mônica Gama, investiga as obras estreadas e como alguns pressupostos constroem uma avaliação deceptiva. A partir da produção de Hatoum, Monica investiga os pressupostos que constroem uma avaliação deceptiva e como esses podem ou não efetuar rupturas essenciais com a prosa modernista, aspecto mais acentuado como problema na crítica pós-moderna de Silviano Santiago. Cleber José de Oliveira contribui com o texto **Cultura popular e poesia social: identidades e resistência no Brasil contemporâneo**, discutindo e sustentando que a poesia social produzida sob a égide da cultura popular se configura como uma potente chave interpretativa da organização estrutural e das relações de poder que ocorreram/ocorrem em diferentes etapas da vida brasileira. Por sua vez, em **O conto da floresta-corredor: um “jogo de cordas” de estado**, Lucas Guerra da Silva reflete sobre territórios, identidades, políticas e suas legitimidades no âmbito do Estado, entendendo essas dimensões como ficcionais, ao mesmo tempo que materialistas, e com impactos nas narrativas de futuros para a Terra. Cynthia de Cássia Santos Barra aprofunda a pesquisa sobre livros de autoria indígenas no texto **Antes o mundo não existia: imaginário das línguas e livros de autoria indígena**, propondo a leitura dos livros de autorias indígenas, como ato performático que deseja dialogar de modo emancipatório com uma comunidade de leitores, em meio a diferenças culturais irreduzíveis e em meio à invenção de regimes discursivos heteróclitos, verbais e visuais.

O dossiê tem, a partir do *paper* **Encontro Internacional da Arte de Medellín 2011, MDE11: arte contemporânea e formação cidadã**, de Pablo Santamaria Alzate, dois horizontes de reflexão entre o conceito e o exercício de práticas artísticas contemporâneas e a ideia de formação cidadã através da meditação artística e cultural. O fato do texto ser escrito em espanhol só enriquece mais ainda o exercício intelectual das I(n)dentidade de nossa latino-américa. Silas Rodrigues Machado, em **O coro dissonante de uma tradição: Itamar Assumpção e a cultura no teatro lira paulistana**, por sua vez, analisa e interpreta a canção *Cultura Lira Paulistana*, presente no disco lançado por Itamar Assumpção em 1998, *Petrobrás*, e, em perspectiva interdisciplinar, revela como os elementos que estruturam essa canção problematizam, questionam e propõem uma alternativa a cultura que predominava na grande mídia no período de redemocratização da sociedade brasileira. **A fronteira cultural do ser surdo: diferença e resistência em tempos modernos**, de Katicilayne Roberta de Alcântara e Antônio Firmino encerram o dossiê, trazendo para o debate o lugar do sujeito mudo e os seus processos de resistência.

Por fim, e não menos importante, a **Seção livre** que reúne artigos de temáticas livres e resenhas, são elas:

**A modelização do gênero “comentário argumentativo do Facebook”** de Daniele Conde Peres Resende; Rodrigo de Souza Poletto; Eliana Merlin Deganutti de Barros, **A fronteira cultural do ser surdo: diferença e resistência em tempos modernos** de Katicilayne Roberta de Alcântara. **O combate de uma vida-de-professora-pesquisadora à redacionalização da escrita no ensino médio**, de Viviane Cristina Maruju e Sônia Regina da Luz Matos Ramos Brocchetto Ramos e as Resenhas:

**A criação na escrita, na arte e na psicanálise** de Marcelo Módolo, Lucas Vinicius Aragão e **Língua portuguesa e constituição estrutural**, de Priscila Ferreira de Alécio e Leandra Inês Seganfredo Santos.

Desta forma, este dossiê, ao abordar diferentes focos de pesquisa contemporâneas, aporta uma fronteira que, mais que nunca, se faz presente nas **I(n)dentidades e interfaces brasileiras e sul-americanas**. Ou, como afirma Bhabha (1998), uma fronteira não é o ponto onde algo finaliza, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente. E, assim, senhores leitores, os convidamos a mergulhar nesse espaço irregular de reflexões, trânsito e fluidez. Espaço das diferenças, do entrelugar, em que a leitura efetivará os processos de mistura e de mescla diversas. Boa leitura.

Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gicelma Chacarosqui  
FACALE/ UFGD

Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alexandra Santos Pinheiro  
FACALE/ UFGD

Prof. Dr. Mário Cesar Leite  
ECCO/ UFMT